



Bolsas	Pontuação B3	Dólar	Salário mínimo	Euro	CDI	CDB	Inflação
Na quarta-feira	Ibovespa nos últimos dias	Na quarta-feira		Comercial, venda na quarta-feira	Ao ano	Prefixado 30 dias (ao ano)	IPCA do IBGE (em %)
0,27% São Paulo	114.170	R\$ 5,050 (- 0,13%)	R\$ 1.320	R\$ 5,359	12,65%	12,51%	Maio/2023 0,23 Junho/2023 -0,8 Julho/2023 0,12 Agosto/2023 0,23 Setembro/2023 0,26
0,19% Nova York	6/10 9/10 10/10 11/10	4/outubro 5,153 5/outubro 5,169 9/outubro 5,130 10/outubro 5,056					

CONJUNTURA

Combustível é fator de risco para inflação

Alta da gasolina teve o maior peso na inflação de setembro, que fechou em 0,26%, abaixo das previsões de mercado. Analistas veem com preocupação efeitos da guerra no Oriente Médio sobre cotações do petróleo e preços internos

» RAFAELA GONÇALVES

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), considerado a inflação oficial do país, subiu 0,26% em setembro, acumulando elevação de 5,19% no ano. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o resultado foi impulsionado pela alta de 2,80% da gasolina, que teve a maior contribuição para o avanço do indicador.

O resultado do mês surpreendeu, vindo abaixo das expectativas de mercado, que apostava em alta de 0,33%. Mas, entre os nove grupos de produtos e serviços pesquisados, seis registraram aumento. O grupo de transportes teve o maior impacto, destacando-se ainda as passagens aéreas, que registraram alta de 13,47%.

O item combustíveis, no qual o subitem gasolina está inserido, teve alta de 2,70%, com aumento de 10,11% nos preços do óleo diesel e de 0,66% do gás veicular, enquanto o etanol registrou queda de 0,62%.

O economista da CM Capital Matheus Pizzani destacou que os combustíveis se mostram, atualmente, como uma das principais fontes de inflação do país. “É algo preocupante quando se considera a conjuntura internacional desafiadora”, ponderou o analista, observando que o conflito no Oriente Médio pressiona o preço do petróleo e acende um alerta para a inflação.

“A alta dos combustíveis pode afetar indiretamente outros preços importantes para a condução da política monetária do país, como os de bens industriais e de serviços”, acrescentou.

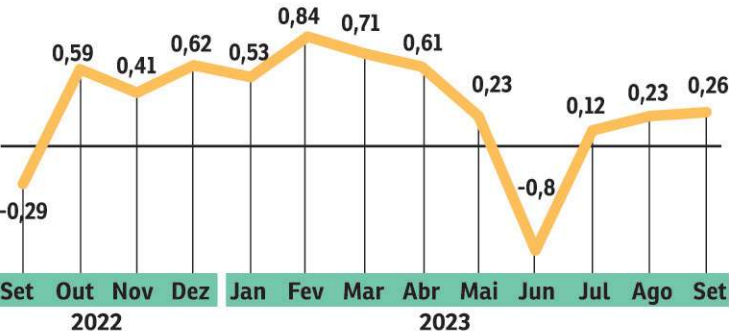
Outro impacto importante entre as altas foi do grupo habitação, com crescimento médio de 0,47% nos preços de setembro. A maior contribuição, nesse grupo, foi da energia elétrica residencial, que subiu 0,99%.

Surpresa positiva

Inflação surpreende vindo abaixo das expectativas de mercado, mas combustível é preocupação

VARIAÇÃO MENSAL — IPCA

Em relação ao mês anterior (Em %)



O QUE MAIS PESOU EM SETEMBRO:

Gasolina — alta média de 2,80%

Resultado por grupos

Alimentação e bebidas.....	-0,71%
Habitação.....	0,47%
Artigos de residência.....	-0,58%
Vestuário.....	0,38%
Transportes.....	1,40%
Saúde e cuidados pessoais.....	0,04%
Despesas pessoais.....	0,45%
Educação.....	0,05%
Comunicação.....	-0,11%

INFLAÇÃO ACUMULADA EM 12 MESES (%)



Fonte: IBGE.

Alimentos em queda

Pelo lado das baixas, o grupo alimentação e bebidas registrou deflação de 0,71%. Foi o quarto recuo seguido nesse conjunto de produtos, que acumula redução de 2,65% desde junho. “A safra grande tem contribuído para a maior oferta de alimentos e

a redução de preços de subitens importantes, como carnes e leite”, destacou André Almeida, gerente da pesquisa do IBGE.

Os preços da alimentação no domicílio recuaram 1,02%, com destaque para batata-inglesa, cebola, ovo de galinha, leite longa vida e carnes. Já o arroz e o tomate subiram. A alimentação

fora de domicílio registrou alta de 0,12% no mês.

Serviços

O setor de serviços, monitorado com lupa pelo Banco Central (BC) para a condução da taxa básica de juros (Selic), acelerou para 0,5%, ante 0,08% em agosto. A

economista do C6 Bank Claudia Moreno ressaltou que a inflação do setor continua elevada. De agosto para setembro, o acumulado em 12 meses avançou de 5,43% para 5,53%.

“É importante destacar a inflação de serviços, pois ela serve de bússola para apontar para onde vai o IPCA. O mercado



A alta dos combustíveis pode afetar indiretamente outros preços importantes, como os de bens industriais e de serviços”

Matheus Pizzani,

economista da CM Capital

de trabalho aquecido pressiona os preços de serviços, tornando mais desafiadora a convergência da inflação para a meta”, explicou.

Economistas alertam que o quadro inflacionário benigno pode ser alterado pelas incertezas geopolíticas e pela alta dos juros norte-americanos. “Na nossa visão, a inflação continuará elevada nos próximos meses, devendo fechar o ano em 5,4%, mas com leve viés de baixa devido às surpresas nas divulgações recentes. Para 2024, esperamos inflação de 5,5%. Mantemos nossa projeção de que o Comitê de Política Monetária continuará fazendo cortes na Selic de 50 pontos-base nas últimas duas reuniões deste ano”, projetou Moreno. Hoje, a taxa está em 12,75% ao ano.

O economista André Perfeito disse que a conjuntura macroeconômica pode acabar sendo benéfica para o país. “O Brasil pode entrar num momento de euforia na conjunção de inflação sob controle, juros em queda, atividade ganhando força (massa salarial em alta) e o fato de ser uma economia longe dos problemas geopolíticos atuais. É uma situação inédita no sentido de certo deslocamento da dinâmica global, mas é uma hipótese que devemos considerar”, avaliou.

REUNIÃO DO FUNDO MONETÁRIO

Haddad reafirma que terá receita para zerar deficit

» EDLA LULA

O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, reafirmou que manterá a meta de zerar o deficit primário em 2024. Durante a reunião do Comitê do Fundo Monetário Internacional (IMFC, na sigla em inglês), em Marrakech, no Marrocos, ele afirmou que o governo encerrará o mandato com saldo positivo em 1% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2026. Segundo o ministro, a melhora nas contas públicas será possível graças às medidas para aumentar as receitas. Ele garantiu, no entanto, que não haverá aumento de carga tributária.

Economistas têm colocado em dúvida a capacidade do governo em obter os R\$ 168 bilhões em arrecadação adicional necessários para tirar as contas do vermelho no próximo ano. Muitos

cobram que, além de aumentar receitas, governo procure conter os gastos, que vêm crescendo. Haddad, porém, reafirmou a avaliação de que a melhora do crescimento econômico deve permitir ao governo atingir os objetivos fiscais.

“A confiança na sustentabilidade da dívida do Brasil melhorou, com duas das três principais agências de classificação de crédito elevando a classificação ou perspectiva da dívida do Brasil este ano”, frisou Haddad.

O ministro acrescentou que, este ano, o Brasil vem superando as expectativas do mercado e de organismos como o FMI com a melhora que vem apresentando em termos de crescimento econômico. Ele citou ainda que a inflação tem caído mais rápido do que as expectativas, o que influenciou nas perspectivas

Marcello Casal Jr/Agência Brasil



De acordo com o ministro da Fazenda, Brasil supera expectativas

futuras e permitiu que os juros caíssem. “A economia do Brasil superou as expectativas, com crescimento resiliente e queda da inflação”, afirmou.

Haddad apontou, como fatores que impulsionam o crescimento, as medidas relacionadas

ao crédito e ao mercado de capitais, como o programa Desenrola, de negociação de dívidas. Disse ainda que o Brasil “está pronto para liderar a economia verde”, citando que a transição ecológica surge como uma chance para a geração de empregos.

FMI vê dívida a 96% do PIB

O Brasil, ao lado da Ucrânia, é o terceiro país mais endividado entre os emergentes, segundo o relatório Monitor Fiscal, do Fundo Monetário Internacional (FMI). O documento, divulgado durante o encontro anual do organismo com o Banco Mundial, projeta que a dívida pública bruta do país vai ficar em 88,1% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2023. Segundo o FMI, o indicador chegará a 96,2% do PIB em 2028.

De acordo com o documento, o Egito tem o maior endividamento bruto, correspondente a 92,7% do PIB. A vizinha Argentina, que passa por uma grave crise financeira, está em segundo lugar, com 89,5% do PIB.

O PIB equivale à soma de tudo o que é produzido no país em bens e serviços. Pelas previsões do Fundo, o brasileiro vai alcançar US\$ 2 trilhões. A relação dívida/PIB é usada pelo organismo para acompanhar a capacidade

do país de honrar os compromissos com os credores. O relatório do FMI estima que o endividamento médio dos países emergentes vai ficar em 68,3% do PIB em 2023.

O documento observa que “a dívida pública global está substancialmente mais alta” e prevê que cresça consideravelmente mais rápido do que nas projeções pré-pandemia.

Em relação ao resultado das contas públicas, o fundo projeta que o governo central do Brasil terminará este ano com saldo negativo (deficit primário) de 1,2% do PIB. A estimativa é melhor do que a previsão anterior, divulgada em abril, de deficit de 2%. Pelas projeções, as contas permanecerão negativas em 2024, com deficit de 0,2%, revertendo para superavit de 0,2% em 2025. O relatório aponta que “as projeções fiscais para 2023 refletem a política (econômica) em vigor”. (EL)